

ICONOFORIZAÇÃO: UM CONCEITO PARA A DESTACABILIDADE EM ANÁLISE DO DISCURSO

Luís Rodolfo Cabral¹

Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar o conceito de iconoforização, desenvolvido a partir da análise de capas de revistas semanais de informação. O fenômeno deve ser entendido como um dos tipos de aforização, regime enunciativo segundo o qual um enunciado é destacado de um texto de origem e posto a circular em outro contexto. A particularidade da iconoforização é a de que o destacamento por ela abarcado ocorre tanto na materialidade verbal quanto na materialidade não verbal para constituir um único iconotexto. A contribuição pretendida é oferecer à Análise do Discurso de linha francesa um conceito que, do ponto de vista teórico-metodológico, possa ser proveitoso para o tratamento de capas de revista semanais de informação, em que o verbal e o não verbal são indissociáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Regime Aforizante; Iconotexto; Iconoforização.

ICONOPHORIZATION: A CONCEPT FOR DETAILABILITY IN DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT : This article aims to present the concept of iconophorization, developed from the analysis of weekly magazine covers. The phenomenon must be understood as one of the types of aphorisation, an enunciative regime according to which an utterance is detached from its source text and circulates in another context. The particularity of iconophorization is that this type of detachment encompasses both verbal materiality and non-verbal materiality to constitute a single iconotext. The intended contribution offered to the French Discourse Analysis is a concept that, from a theoretical-methodological point of view, can be useful for treating weekly magazine covers, in which the verbal and the non-verbal are inseparable.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Aphorising Regime. Iconotext. Iconophorization.

Introdução

O fenômeno da destacabilidade se insere no campo investigativo da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente nos trabalhos sobre as chamadas “frases sem texto”, conceito abrangente relativo aos enunciados que se apresentam como sequências organizadas e que, ao mesmo tempo, circulam fora do seu texto de origem. Os estudos sobre a destacabilidade desenvolvem-se a partir da teoria da aforização, regime constitutivo da dimensão enunciativa que permite a circulação de sequências autônomas por natureza ou extraídas de outros textos.

¹ Endereço eletrônico: rodolfo.cabral@ifma.edu.br

A destacabilidade em perspectiva discursiva foi objeto de pesquisa de doutorado (CABRAL, 2020), na qual, para a construção do estado da arte, foi realizada uma consulta em diferentes repositórios brasileiros de pesquisa² a partir da qual foram encontradas 40 publicações sobre o assunto. Afora aquelas que articulam essa noção a outras bases teóricas, tais como a Teoria Semiollingüística (LANDIM, 2017) ou a Ergologia (SOUZA-E-SILVA, 2016), as pesquisas que costumam tratar da destacabilidade em Análise do Discurso podem ser dimensionadas em dois grandes grupos.

O primeiro corresponde aos trabalhos de revisão teórica em que a noção de destacamento é, em geral, abordada apenas para tratar da circulação de enunciados verbais, sem se ater às propriedades do regime aforizante. Ou, ainda, aos trabalhos de análise da materialidade verbal, em que as propriedades pragmáticas são mobilizadas para classificar o regime enunciativo sob o qual determinado enunciado foi produzido. Dessa forma, para essas pesquisas, são importantes as seguintes pistas: as marcas enunciativas indicando a passagem do regime aforizante para o textualizante, especialmente quando há indícios de sobreasseveração (BRUNELLI, 2014), o papel das instâncias enunciativas complexas (GABRIEL, 2018), os diferentes enquadramentos para interpretar as aforizações (BONÁCIO, 2013), e o processo de captação e subversão de enunciados aforizados (POSSENTI, 2011).

O segundo grupo corresponde àqueles que promovem uma leitura menos estreita da teoria sobre enunciação aforizante, avançando em questões já testadas em materialidade predominantemente verbal e investigando a possibilidade de serem produzidos iconotextos a partir desse regime enunciativo. Dos trabalhos que testam essa hipótese, destacamos a pesquisa de Motta (2011), em que, ao analisar o funcionamento discursivo das produções de um grupo de *rap*, evidencia que a ocorrência de formas fixas – como provérbios e citações bíblicas – articuladas a *samples* permite a textualização de diferentes materialidades, verbais ou não verbais (trechos de música ou som de trilha sonora em formato original). Da mesma forma, o problema do destacamento em materialidade não verbal também aparece em estudo sobre as releituras, paródias e sátiras do quadro *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci. Sustentada nas noções de enunciação aforizante, Moraes (2013) chama a atenção para o caso em que há não coincidência da materialidade de origem com a materialidade de destino, ou seja, uma sequência verbal destacada pode ser posta a circular como enunciado não verbal, e vice-versa.

² Levantamento feito nos seguintes repositórios: *Catálogo de Teses e Dissertações*, *Portal de Periódicos CAPES*, *SciELO*, e *Google Acadêmico*. As palavras-chave utilizadas foram: “destacabilidade”, “aforização” e “frases sem texto”, com o filtro “ano de publicação” marcado para exibir publicações a partir de 2011. Para o levantamento foram considerados artigos em periódicos, dissertações, teses e capítulos de livros.

Juntando-se ao corpo formado pelas pesquisas que buscam explicitar a relação entre as produções intersemióticas, ou seja, de diferentes materialidades, este trabalho, que condensa brevemente os resultados e as discussões da pesquisa de doutorado já referida inicialmente, pretende apresentar o conceito de "iconoforização", que trata das produções sob o regime aforizante em que o destacamento ocorre tanto na materialidade verbal quanto na materialidade não verbal para construir um único iconotexto.

Na tese em questão, chega-se ao conceito de iconoforização mediante a análise de um *corpus* composto por capas de revistas semanais de informação publicadas entre janeiro de 2015 e setembro de 2016, sendo duas as questões que a nortearam: (i) qual a relação dos enunciados nas capas com o interior da revista semanal de informação?, e (ii) em que medida os enunciados verbais e não verbais são resultado de destacamento de outros textos previamente produzidos, não necessariamente do interior da revista?

Para este artigo, o objetivo principal consiste em sinalizar a pertinência da introdução do conceito de iconoforização, sem forçosamente utilizá-lo como instrumental de análise. Além disso, traçar em detalhes o percurso dos enunciados, do interior para a capa, como feito na pesquisa original, é também aqui fora de propósito em razão das limitações de espaço. Sendo assim, com o intuito de apontarmos as lacunas sobre a questão, este texto se organiza da seguinte forma: iniciamos por uma breve exposição sobre destacamento aforizante e, em seguida, descrevemos a organização dos enunciados em capas de revistas semanais de informação, enfatizando as particularidades desse processo de destacamento, ponto crucial para a introdução do conceito de iconoforização.

O destacamento aforizante

Sustentados na Análise do Discurso de linha francesa, mobilizamos a unidade não tópica *percurso*, que permite explorar a disseminação de sequências ou fragmentos de textos, e que está em estreita relação com a destacabilidade, fenômeno aqui compreendido como o ato de pôr em evidência um determinado enunciado associado a outros que formam o todo do texto.

Do ponto de vista discursivo, assume-se a possibilidade de que, em um processo denominado sobreasseveração, um determinado enunciado seja sinalizado candidato potencial ao destacamento. No que diz respeito à sobreasseveração (MAINGUENEAU, 2012, 2014), trata-se da modalização enunciativa de formatação de um fragmento do texto que se sobressai em relação ao restante dos enunciados. Considera-se, então, sobreasseverada aquela sequência

"relativamente breve, portanto, memorizável, e [que] constitui uma tomada de posição do enunciador sobre uma questão polêmica" (MAINGUENEAU, 2014, p. 15).

A elaboração de frases sobreasseveradas é parte da rotina dos profissionais da imprensa, especialmente aqueles vinculados a assessorias de comunicação, que tentam controlar a circulação de trechos dos textos que produzem. Nesse sentido, os jornalistas seguem procedimentos técnicos tanto para a construção de sequências curtas situadas em posição de realce no corpo do texto, sendo o início ou o fim as mais comuns, quanto para a produção de frases impactantes e curtas, que serão recuperadas por outros veículos como a condensação de todo o conteúdo de uma fala pública de uma personalidade (KRIEG-PLANQUE, 2016).

A sobreasseveração, no entanto, é apenas um indício de que aquele enunciado é destacável, sem corresponder necessariamente a um destaque efetivo. Quando o destaque de fato acontece, é comum notar que o enunciado destacado não condiz com a sua contrapartida no texto-fonte – essas ocorrências podem ser facilmente observadas na mídia impressa, em que o paratexto foi criado a partir de destaques de excertos do corpo da notícia. Nesses casos, avalia-se a existência de um tipo especial de destaque, pois o enunciado não é mais um fragmento do texto, e parece funcionar de maneira autônoma, ainda que obedeça às restrições do gênero do discurso, que o abriga. Trata-se, portanto, de uma aforização, ou seja, um enunciado que produzido por regime diferente do regime textualizante, pois:

(...) na textualização não nos relacionamentos com Sujeitos, mas com facetas, aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade é partilhada e negociada. Na enunciação aforizante, em contrapartida, não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’ (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados no mesmo plano (MAINGUENEAU, 2010, p. 13)

Partindo dessa premissa, estudos sobre o assunto testaram a hipótese de que ocorrências similares podem ser observadas também em materialidade não verbal, as quais, da mesma forma como os enunciados linguísticos, podem se tornar destaques aforizantes, uma vez que implicam a possibilidade de descontextualização do enunciado verbal ou visual aforizado, que ganha outro sentido a depender do contexto em que circula. Dessa forma, pode-se dizer que os enunciados não verbais tais quais os verbais também estão sujeitos a retomadas e transformações; além disso, eles também “podem se tornar autônomos e frequentar as mais

diferentes cenas genéricas, sem, contudo, perder a relação umbilical com o interdiscurso que o constitui" (BARONAS, 2016, p. 84).

Do ponto de vista classificatório, considera-se que as aforizações podem ser primárias ou secundárias, a depender do tipo de destacamento. Grosso modo, as aforizações primárias contemplam os enunciados destacados por natureza, concebidos para circular de forma autônoma, tais como os provérbios e os *slogans*. Quanto às secundárias, são aquelas que foram destacadas de um texto-fonte por um terceiro e postas a circular em outro contexto.

Em geral, há aforizações, sejam primárias ou secundárias, que mantêm proximidade com o enunciado de origem, funcionando segundo a lógica do discurso relatado (MAINGUENEAU, 2014). Fala-se, então, que o enunciado é aforizado a partir de um texto, que é colocado para circular em outra cena, mas mantendo a mesma voz singular que simula que aquelas palavras foram proferidas à maneira como exibidas.

Nos casos de produções constituídas por iconotextos, no entanto, a materialidade não verbal costuma ser extraída de outro contexto, sem que se consiga estabelecer tão facilmente uma relação com a contrapartida de origem, elevando ao paroxismo o potencial de autonomia dessas produções, quando destacadas. Nota-se ainda que, independentemente de o destacamento ser por completo ou de partes dela, a materialidade não linguística também pode entrar em um processo de múltiplas retomadas e transformações, o que amplia as possibilidades de serem alçadas à aforização.

Ocorre que o destacamento imagético, diferentemente do que acontece com a materialidade estritamente verbal, não pode ser classificado como aforização primária ou secundária (BARONAS, 2016). Isso representa um embaraço para o tratamento do iconotexto: como tratar um todo, se as partes dele são avaliadas segundo critérios distintos? Acreditamos que a noção de iconoforização, sobre a qual discorreremos no item a seguir, possa auxiliar a enfrentar esse entrave.

A iconoforização: o conceito e a sua construção

"Iconoforização" é um termo que foi criado para contemplar os casos de destacamento aforizante de duas materialidades – verbal e não verbal – que resultam na composição de um único iconotexto. O termo apresenta a vantagem de conjugar em um só item lexical duas noções: a de iconotexto, que abarca as produções sincréticas em que o verbal e o imagético são

indissociáveis, e a de aforização, que recupera todo o estatuto pragmático desse regime enunciativo.

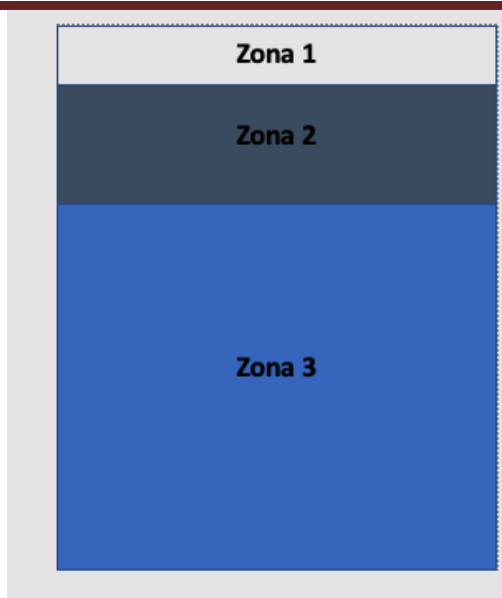
A base para o surgimento dessa noção encontra suporte na própria teoria, a qual, além de registrar tendências de observação do regime aforizante em materialidades não verbais (MOTTA, 2011; MORAES, 2013; SALGADO; GATTI, 2013; BARONAS; PONSONI, 2013; LIMA, 2017; SCALZILLI, 2018), acentua, desde a sua origem, o papel da fotografia do rosto dos sujeitos (MAINGUENEAU, 2014), resultado de um destacamento que costuma acompanhar os enunciados verbais aforizados. Essa articulação não apenas cria um efeito de perenidade, como também reforça a indissociabilidade de duas materialidades destacadas na construção de uma cenografia.

Como assinalado anteriormente, o conceito de iconoforização foi elaborado a partir de um *corpus* formado por capas de revistas semanais de informação. Na pesquisa de origem (CABRAL, 2020), mostrou-se o percurso dos enunciados do interior da revista para a capa, evidenciando-se o papel da irradiação dos gêneros no processo de formatação da aforização. Ademais, foram também identificadas determinadas regularidades, que possibilitaram caracterizar a organização do hipergênero (MAINGUENEAU, 2010). Por fim, importa ainda ressaltar um aspecto particular identificado no *corpus*: nas capas analisadas, verificam-se manipulações de imagens já existentes, especialmente de recortes do rosto de personalidades políticas. De maneira geral, essas montagens estavam em estreita relação com os enunciados verbais do interior e de fora das revistas, o que amplia o movimento de destacamento das duas linguagens.

No *corpus* da pesquisa, os enunciados da capa organizam-se em três espaços distintos, denominados "Zonas", assim discriminadas: na primeira, ocupando a parte superior, aparecem, em geral, as chamadas; na segunda, encontra-se o logo da revista; e, finalmente, na terceira, de dimensão notoriamente superior às demais, está disposta a manchete. Variavelmente, nessas zonas podem aparecer elementos visuais, como o código de barras, a tarja "código do assinante" e/ou indicação do preço. Apesar da recorrência, esses elementos são irrelevantes para os objetivos deste texto.

A seguir, para melhor visualização, uma representação visual da organização dos enunciados na capa.

Fig. 1 – Zonas de organização de enunciados nas capas de revistas semanais de informação



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Detalhando-se as três zonas, a análise empreendida iniciou-se pela primeira, em que estão dispostas as chamadas. Cada revista organiza esse espaço de forma diferente, podendo apresentar uma linha diferencial em relação às outras zonas ou mesmo estabelecendo contraste de cores. Essa sinalização pode ser entendida como indicativa do grau de relevância entre as zonas.

Além disso, observa-se que, nessa zona, variam relativamente tanto a materialidade dos enunciados quanto a quantidade deles: há edições em cujo enunciado se lê "edição especial", outras em que a chamada é dedicada a um suplemento encartado, e não para uma matéria. Dessa forma, torna-se impossível determinar uma regularidade para os tipos e a quantidade de enunciados nessa zona. Além disso, houve casos de não ocorrência dessa zona na capa, o que reforça entendimento já assinalado acerca do seu grau de relevância.

Dando continuidade à análise relativa organização das capas, passou-se à segunda zona, em que aparecem os logos da revista e da editora. Quanto à forma de disposição desses elementos, cada revista apresenta suas peculiaridades: o enunciado verbal pode estar centralizado ou alinhado mais à esquerda ou mais à direita. Há também variação de cores, costumeiramente harmoniosa com a cor de fundo da manchete.

Finalmente, na terceira zona tem-se o espaço de organização nas capas em que se situa a manchete, denominada, nesta pesquisa, de “manchete intersemióticas”, dada a intrínseca articulação entre o verbal e o não verbal. Assim como a segunda, esta zona está presente na totalidade do *corpus*. De maneira geral, se constitui a partir das seguintes regularidades:

apresenta enunciados completamente diferentes a cada edição; é a que ocupa maior parte da capa; e é preenchida exclusivamente por iconotextos. Por esses aspectos particulares, a terceira zona diferencia-se das outras duas, já que, ao contrário da primeira, apresenta sempre materialidade imagética e, diferentemente da segunda, não incorpora enunciados praticamente padronizados.

Passando da organização para a relação que se pode estabelecer entre os enunciados dessas zonas e os gêneros do interior da revista, a atenção deteve-se, então, nos enunciados da primeira zona: eles resultam da valência externa (MAINGUENEAU, 2015) dos diversos gêneros que compõem uma dada edição. Em outras palavras, na Zona 1 da capa de revista, observa-se a sequencialidade, processo segundo o qual um gênero desencadeia o surgimento de outros gêneros. No caso das revistas estudadas, o gênero reportagem foi aquele com maior força irradiadora para essa zona, sendo que a cada chamada corresponde uma reportagem específica da edição.

Todavia, não é de mesma natureza a sequencialidade que acontece com os enunciados da Zona 3. Nesse caso em particular, a remissão da manchete não é a uma reportagem em particular da seção principal, mas a várias delas, que podem, inclusive, estar em seções diferentes da revista. Assim sendo, os enunciados na terceira zona surgem de um processo de irradiação mais complexo: as manchetes intersemióticas correlacionam-se não apenas a um único, mas a vários gêneros que compõem uma dada edição, e que estão incluídos em seções distintas. Aqui, diferentemente da primeira zona, ocorre o que se chamou de "sequencialidade entrelaçada" (CABRAL, 2020).

Até aqui, o que se verificou é que as capas de revistas semanais de informação são formadas por enunciados organizados em zonas que resultam de um encadeamento, evidenciando o papel primordial da destacabilidade nessas produções intersemióticas. Para ilustrar a dificuldade em se classificar o iconotexto das capas de revistas semanais de informação, foram extraídas duas manchetes intersemióticas do *corpus*.

A primeira é a da edição 879 da revista *Carta Capital*¹, publicada no dia 9 de dezembro de 2015, reproduzida a seguir.

Fig. 2 Edição 879 de *Carta Capital*

¹ O acervo de *Carta Capital* pode ser acessado aqui <https://www.editoraconfianca.com.br/acesso>.



Fonte: Carta Capital (2020)

O enunciado verbal da Zona 3 dessa capa surge do destacamento de diferentes elementos e de diferentes sequências do interior da revista, o que induz à sua classificação como aforização secundária (MAINGUENEAU, 2014). Contudo, em detalhes, o enunciado "Frustração e vingança" não atende aos preceitos da aforização canônica, sendo também impossível estabelecer um único enunciado de contrapartida, visto que sugerem essa relação

vários outros enunciados de matérias do interior da revista. Por essa razão, pode-se, então, apreendê-la como "aforização-eco", pois "a frase verbal não se apresenta como o traço de uma aforização prévia completa, que, na realidade, é constituída por essa própria remissão" (MAINGUENEAU, 2014, p. 54).

Sendo aforização, o locutor coletivo da capa torna-se aforizador, sujeito da enunciação aforizante, que estabelece sua convicção livre de qualquer negociação. Nesse sentido, a frase nominal da manchete avigora essa propriedade pragmática do regime aforizante: uma vez que não apresenta dêiticos, o enunciado inscreve-se de maneira perene no tempo e no espaço tal qual uma verdade incontestável.

Para interpretar essa aforização, recorreremos ainda ao subtítulo da manchete, que, assim como o título, é também resultado do destacamento de outras sequências do interior da revista – portanto, também aforização secundária. Esses enunciados direcionam o leitor para o enquadro exigido pela aforização do título, oferecendo-lhe elementos para interpretá-la: as expressões nominais "chantagens de Cunha" e "incertezas precipitadas pelo pedido de *impeachment*" apresentam as informações de que ele precisa saber naquela semana.

Esse enquadre informacional, no entanto, é insuficiente para abarcar todas a aforização do iconotexto da capa, demandando do leitor uma interpretação associada (MAINGUENEAU, 2014). É que, diferentemente dos enunciados verbais, os enunciados não verbais exigem dele a ativação de um conjunto de saberes partilhados, dignos de interesse coletivo.

Desse modo, a imagem da manchete pode ser aproximada a elementos do conto de fadas clássico *Chapeuzinho Vermelho*, que recebeu inúmeras adaptações e releituras. Na literatura, a versão dos Irmãos Grimm é a mais conhecida; no cinema, a mais recente é *Caminhos da Floresta*, filme dirigido por Rob Marshall com elenco composto por Meryl Streep, Johnny Depp e Emily Blunt.

Não obstante as adaptações, o quadro estabilizado da narrativa desse conto é o de uma menina, que usa vestimenta de veludo em cor vermelha. Orientada pela mãe, a protagonista deve levar doces para a avó, que vivia no meio da floresta, mas, ao trilhar sozinha pelo caminho desconhecido, se torna alvo da obsessão de um lobo faminto.

A narrativa-base do conto é polissêmica e pode motivar inúmeras interpretações. Ocorre que, nessa capa, esses elementos imagéticos foram recuperados e sofreram algum tipo de variação para significar em um contexto de circulação bastante específico. Articulado ao enunciado "frustração e vingança", esse iconotexto não expressa um posicionamento sobre o mundo em todas as suas dimensões, e só tem validade como uma tomada de posição

indisputável frente a um acontecimento específico no contexto da política brasileira no final do ano de 2015: a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

Conforme essa circunstância, a narrativa-base foi levada ao iconotexto da capa pelo processo de captação e subversão (MAINGUENEAU, 2010), a partir do qual podem ser apontadas algumas características: não há indicações expressas do texto de origem, mas apenas marcas de um deslocamento interno à enunciação (sob essa perspectiva, sobressai aí o papel da manipulação da imagem); o enunciado mantém aspectos do significante, mas foi reconstituído conforme determinada variação (as personagens principais do conto são mantidas; todavia, pela manipulação da imagem, elas assumem o papel de personalidades políticas); e o locutor supõe que ele e seu alocutário partilhem de um mesmo *thesaurus* (o locutor espera que o leitor reconheça a narrativa do conto).

Observa-se, nessa manchete intersemiótica, que o processo de destacamento foi operado em duas materialidades e resultou em um único iconotexto, o qual pode ser considerado uma iconoforização. Ressalte-se que a congruência entre as duas materialidades as torna inseparáveis, de modo que o sentido do enunciado verbal é balizado pela própria articulação com a imagem, e vice-versa.

O segundo caso corresponde ao da manchete da edição 2456 da *Veja*², publicada em 16 de dezembro de 2015, reproduzida mais adiante. Nela, os enunciados dependem da irradiação do editorial e da reportagem do interior da revista. Nessa direção, este pesquisador assumiu insuficiente interpretar a frase nominal "a máquina de atraso de Dilma" apenas como resultado da formatação de um único enunciado, destacado de um desses dois gêneros.

Ocorre que, do ponto de vista da estrutura, essa frase nominal explora uma ambiguidade. "Máquina" é o núcleo do sintagma nominal, ao qual se articulam outros dois sintagmas: "do atraso" e "de Dilma". Elementos destes dois últimos formam um sintagma também: "o atraso de Dilma", em que "atraso" é núcleo, articulado ao sintagma preposicionado "de Dilma". Na relação desse sintagma preposicionado com "atraso", há ambiguidade estrutural: ele exerce a função tanto de complemento nominal quanto de adjunto. Sendo a primeira função, interpreta-se que o atraso é promovido por Dilma; sendo a segunda, entende-se que Dilma é atrasada. De toda forma, é estabelecida uma relação direta entre uma Dilma Rousseff e o atraso.

Fig. 3 Edição 2456 de *Veja*

² O acervo de *Veja* pode ser consultado aqui: <https://veja.abril.com.br/acervo/>.



Fonte: Veja (2020)

Pela estrutura, cria-se um efeito de sentido de que a "máquina" faz voltar ao passado porque está nas mãos de uma pessoa que a opera assim e, ao mesmo tempo, porque "o atraso" é essa própria pessoa. Essa ambiguidade está imbricada na materialidade não verbal da Zona 3 dessa capa: são imagens de um pronunciamento sobre a "nova matriz econômica", que é transmitido por um aparelho eletrônico desconhecido obsoleto, em dissonância com a data da publicação, de dezembro de 2015.

Nesse iconotexto, o rosto de Dilma Rousseff é destacado de uma fala pública, cuja origem não se pode indicar, correspondendo, então, a uma forma de "destacamento forte". No caso do objeto obsoleto, ele aparece no editorial. De toda forma, por terem sido deslocados para outro lugar e em outro momento, os recortes do rosto e do aparelho eletrônico elevam a potencialidade do destacamento em construir uma cena deslocada da interação que a originou. No caso em tela, cada uma das materialidades que compõem a manchete é fruto de destacamento e não pode ser dissociada uma da outra – elas significam no conjunto.

Considerações finais

Neste artigo, o objetivo foi apresentar o conceito de iconoforização, elaborado a partir dos resultados de pesquisa de doutorado dedicada a investigar o funcionamento discursivo do destacamento em capas de revistas semanais de informação. Buscou-se aqui explicitar as ocorrências desse fenômeno, seguindo a esteira dos trabalhos sobre o regime aforizante, na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa.

Além disso, a terminologia foi aventada ante a suspeita de que esse seja um tipo particular de aforização, que não se enquadra nos critérios classificatórios de primária ou secundária. Pelo fato de o *corpus* da pesquisa original ter sido composto exclusivamente por iconotextos, o que se observou foi que, em se tratando de materialidade verbal, foi possível identificar possíveis enunciados-fonte em diferentes seções da revista. Para a materialidade imagética do *corpus*, entretanto, esse movimento não pôde ser traçado, pois, de maneira geral, as imagens das capas das revistas costumam ser manipulações visuais de imagens já em circulação, o que potencializa as possibilidades do destacamento aforizante, considerando o iconotexto.

Dessa forma, acredita-se que o conceito de iconoforização possa ser introduzido no inventário da Análise de Discurso de linha francesa na tentativa de se abarcar o resultado de processos distintos de destacamento aforizante, sendo cada tipo de destacamento relacionado a uma materialidade específica, resultando em um único iconotexto. Em outras palavras, o foco seria levado ao processo que antecede a coerção do gênero do discurso e que determina a formação dos enunciados verbais e imagéticos, que irão compor um gênero. Estende-se, então, a atenção para um processo que só pode ser observado no resultado.

Conforme mencionado já inicialmente, o *corpus* original da pesquisa, também recuperado para ilustrar este texto, foi composto por capas de revistas semanais de informação.

A esse respeito, acredita-se, por fim, que o conceito possa ser testado em outras produções, especialmente as do ambiente digital (tais como os *memes* ou *reels*), em que o destacamento encontra espaço privilegiado.

REFERÊNCIAS

CABRAL, L. R. O reino e as rebeldes: funcionamento discursivo do destacamento em capas de revistas semanais de informação. 193 f. *Tese de Doutorado* - Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

BARONAS, R. L. Ainda sobre aforização no texto imagético da comunicação política: desta vez, um problema de lógica? In: BARONAS, R. L. *Comunicação política brasileira em diferentes dispositivos: uma abordagem discursiva*. São Carlos - SP: EdUFSCAR, 2016 (p. 67-86).

BARONAS, R. L.; PONSONI, S. Citação, destacabilidade e aforização no texto imagético: possibilidades? *Alfa*, rev. linguíst. (São José Rio Preto) [online], vol.57, n.2 (pp.413-431), 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v57n2/04.pdf>. Acesso em 28 de março de 2020.

BONÁCIO, D. Pequenas frases na mídia eletrônica brasileira: uma leitura discursiva. 192f. *Tese de Doutorado* - Doutorado em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2013.

BRUNELLI, A. F. Enunciados destacados no discurso jornalístico. In: SIMIS, A. et al. (Orgs.). *Comunicação, cultura e linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014 (p. 12-39). Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2h3ks/pdf/simis-9788579835605.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

GABRIEL, E. G. Frases sem texto na publicidade: discursos em torno de um Brasil bilíngue. 132f. *Dissertação de Mestrado* – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

KRIEG-PLANQUE, A. As pequenas frases: um objeto para análise dos discursos políticos e midiáticos. Tradução de Gleice Antônia de Moraes e Rilmara Rôsy Lima. In: BARONAS; R. L.; LIMA, R. R.; MORAES, G. A. de; OLIVEIRA, H. *Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica: abordagens discursivas*. Campinas, SP: Pontes, 2016 (p. 13-38).

LADIM, A. F. M. A construção discursiva da mineiridade a partir de jornais. 152f. *Dissertação de Mestrado* – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

LIMA, R. R. Aforização oitocentista: espaço de discursividades na Revista Ilustrada. 301f. *Tese de Doutorado* - Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2017.

MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, D. Texto, gênero do discurso e aforização. Tradução de Ana Raquel Motta. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012 (p.109-128).

MAINGUENEAU, D. *Frases sem texto*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MORAES, E de. Mona Lisa: sentidos múltiplos de um sorriso enigmático. *DELTA*, v. 29, n. 3, Número Especial - Circulação dos Discursos, 2013 (p. 443-465). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/19337/14351> Acesso em 20 de julho de 2019.

MOTTA, A. R. Racionais MCs: uma enunciação aforizante. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011 (p.163-173).

POSSENTI, S. Corinthians, jogais por nós: fórmulas alteradas. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011 (p. 58-68).

SALGADO, L. S. GATTI, M. A. Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia. *DELTA*, v. 29, n. 3, Número Especial - Circulação dos Discursos, 2013 (p. 517-534). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/19341>. Acesso em 20 de julho de 2019.

SCALZILLI, G. de C. Meme e aforização: uma abordagem discursiva da iconotextualidade digital. *Cad. Est. Ling., Campinas*, v.60 n.3, set./dez, 2018 (pp. 795-807). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8650832/18712>. Acesso em 30 de março de 2020.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de. Linguagem e trabalho em uma perspectiva discursiva: implicações teórico-metodológicas. *Verbum*, v. 8, n 3., dez. 2019 (p. 08-22). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/46659/pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.